



PRÁTICAS DE LEITURA: UMA POSSIBILIDADE DE PESQUISA

Marluce de Souza Lopes Santos¹
Alessandra Pereira Gomes Machado²

EIXO TEMÁTICO: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

RESUMO

A sociedade contemporânea tem presenciado várias e constantes mudanças nas tecnologias utilizadas para veiculação da informação. A instituição escolar, sendo palco das atividades educacionais nas quais a veiculação da informação faz parte do cotidiano, utiliza diversas tecnologias para a disseminação do conhecimento, entre elas, o livro que, na sua forma impressa foi, durante muito tempo, o único “aparato material” veiculador do conhecimento. O surgimento de variadas mídias modifica o panorama da transmissão da informação, consequentemente, modifica as práticas escolares, entre elas, as práticas de leitura. O presente artigo introduz uma pesquisa, em andamento, sobre as práticas de leitura dos alunos do curso de graduação em Letras-Português, da Universidade Federal de Sergipe. Pretende-se investigar, inicialmente, em que medida o curso contribui para alterar ou manter as práticas referidas.

Palavras-chave: Práticas de leitura; Cultura escolar; Livro; Tecnologias.

ABSTRACT

Contemporary society has witnessed many and constant changes in technology used for delivery of information. The school, being the scene of educational activities in which such placement is part of everyday life, using various technologies for knowledge dissemination, including the book in its printed form was for a long time the only "material apparatus" disseminator of knowledge. The emergence of media-ranges to change the landscape of information transmission, therefore, modify school practices, among them the reading. This article introduces a research in progress on the reading practices of students in undergraduate courses in Letras - Portuguese, Universidade Federal de Sergipe. We intend to investigate, first, to what extent the course will alter or maintain those practices.

Keywords: Reading practices; School Culture; Book.

Introdução

O avanço eletrônico e as constantes evoluções das tecnologias da informação têm causado significativas transformações no comportamento da sociedade contemporânea. Utilizando a metáfora das “ondas” para caracterizar as mudanças ocorridas nas civilizações ao longo dos séculos, os Toffler (Alvin e Heidi, 2003), afirmam que a Primeira Onda de transformação vivida pela humanidade foi a Revolução Agrícola, simbolizada pela enxada; a Segunda Onda foi a Revolução Industrial, marcada pelas linhas de montagem e a Terceira Onda, a que atravessamos há algumas décadas, identificada pelo computador e pelas novas tecnologias da informação.

De acordo com o casal de pesquisadores, as ondas de mudanças vão se sucedendo através de várias décadas, trazendo consigo, cada uma, alterações consideráveis nos valores, na cultura, na economia, na política. Segundo eles, a civilização da Terceira Onda “traz consigo novos estilos de família; maneiras diferentes de trabalhar, amar e viver; uma nova economia; novos conflitos políticos” (Toffler, 2003, p.19). No tocante às instituições, eles falam em “escolas e corporações do futuro radicalmente modificadas” (Toffler, 2003, p.20). São evidentes as alterações pelas quais a humanidade vem passando ao longo de séculos. A metáfora utilizada traz em seu bojo a idéia de dinamismo e sucessão subjacentes aos processos de transformação. Uma onda não extingue, de imediato, a anterior. Durante algum tempo, as duas coexistem, não de forma completamente pacífica e sem conflitos.

Podemos pensar, assim, numa análise da história, não a partir de suas continuidades mas, levando em conta as descontinuidades, novidades e evoluções? Não seriam esses os motivos fundamentais que embasam todos os processos que culminam em mudanças substanciais: a busca do novo, de algo melhor, de superação de situações que não mais atendem à realidade atual?

Ao interpretar as transformações sociais associadas à modernidade, Giddens (1991), destaca que a história não se desenvolve homogeneamente. Ela é marcada por “descontinuidades” que podem ser identificadas através de três características básicas: ritmo da mudança; escopo da mudança e natureza intrínseca das instituições modernas. Para entendermos a natureza da instituição escolar é necessário refletirmos sobre o seu funcionamento interno, a partir das relações forjadas no cotidiano de suas práticas. É preciso abrir a “caixa preta” da escola e procurar entendê-la como local de produção de uma cultura própria.

Definida por Dominique Julia como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar”, bem como, “um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (2001, p.10), a

cultura escolar traduz o cotidiano da escola através das relações que são estabelecidas no seu interior.

Diversos estudiosos têm se debruçado sobre a cultura escolar. Isso nos possibilita aportes teóricos e metodológicos no desenvolvimento da pesquisa sobre práticas escolares. Segundo Vidal, em seu livro *Culturas Escolares* (2005), “Antonio Viñao Frago tem emergido no debate brasileiro sobre história da educação como uma das principais referências no que tange ao conceito de cultura escolar”. [...] “Para o autor, ela recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias” (2005, p.33-34). Ainda na mesma obra, a autora aponta para outros pesquisadores do tema. Afirmo ela que:

Agustín Escolano distinguia três culturas da escola. A primeira, empírica, também considerada como prática ou material, era produzida pelos docentes, cotidianamente, no exercício da profissão. A segunda, científica, apresentada ainda como pedagógica, era elaborada pela investigação acadêmica, no seio das universidades e das ciências da educação. A terceira cultura, política ou normativa, referia-se à organização das escolas, ao conjunto das regras que governam seu funcionamento (VIDAL, 2005, p. 32).

Tanto Dominique Julia (2001) quanto André Chervel (1990), comungam a idéia segundo a qual alguns elementos da escola têm a característica da perpetuidade. No entanto, entendem eles que, apesar disso, existe permeabilidade às mudanças e transformações sociais.

Trazendo a idéia de mudanças para a instituição escolar, podemos verificar que ao longo de décadas, foram muitas as alterações pretendidas, buscando-se, sempre, a modernização de suas práticas, tendo em vista sobrepujar situações que já não atendiam demandas sociais, econômicas, políticas. A esse respeito nos diz Rosa Fátima de Souza:

Do surgimento da lousa no século XVIII ao uso do computador no final do século XX, dos bancos às carteiras individuais, da instalação dos primeiros museus e laboratórios nas escolas primárias do século XIX às diferentes proposições de salas ambiente no decorrer do século XX, a composição material da educação escolar evidencia a incessante busca pela racionalização da escola como organização e as tentativas de tornar o ensino mais produtivo e eficiente, as aulas mais motivadas e atrativas, a educação mais moderna (SOUZA, 2007, p.165).

Reveladores desses ideais foram as políticas que culminaram na criação dos grupos escolares em todo o país, entre os anos finais do século XIX e iniciais do século XX, a adoção do método intuitivo ou as lições de coisas trazendo para as práticas escolares uma profusão de

materiais capazes de incentivar os sentidos dos estudantes, levando-os a uma aprendizagem a partir de objetos variados. Segundo Valdemarin, “os fatos presentes na vida infantil eram tomados como iniciais na instrução e deveriam ser superados com o aprofundamento dos estudos” (2010, p.15). O ensino da língua materna deveria “usar livros com gravuras de plantas e animais conhecidos” (2010, p.15), estimulando os sentidos a partir das coisas presentes no cotidiano das crianças.

Os escritos da história da educação remetem aos idos do século XVI a preocupação com materiais específicos para uso escolar. Comenius já se referia a eles na Didática Magna. Desde então diferentes materiais de ensino surgiram, proliferaram e desapareceram, constituindo-se em dimensões próprias da cultura escolar. É evidente, no decorrer dos séculos, as inovações tecnológicas que acontecem no seio das práticas educacionais, no que se refere aos utensílios escolares, buscando sempre uma melhor organicidade no palco da esfera educacional.

Práticas de leitura como elemento constitutivo das práticas escolares

A humanidade, desde tempos muito antigos, tem se interessado pela prática da leitura. Conforme Marco Antonio Simões, já no século VII a. C., havia a preocupação com a organização de textos em bibliotecas. O autor afirma que “o rei assírio Assurbanípal, [...] organizou uma biblioteca de 22.000 tabuinhas de argila e outros textos e declarou: “Tive alegria na leitura de inscrições em pedra da época anterior ao dilúvio”” (SIMÕES, 2008, p. 15).

Tábuas cobertas com cera, madeira, papiro, pergaminho, papel. Ao longo da história da humanidade os suportes para a prática da leitura foram sendo modificados e seus modos de usos foram sendo adaptados por razões econômicas, de disponibilidade, de praticidade, relativas ao processo de produção, entre outras. O vapor como força motriz, a eletricidade, a expansão dos meios de transporte, a invenção do rádio, do cinema, todas essas novidades modificaram os meios de comunicação. E tiveram impacto nas práticas de leitura.

Ao analisar as formas de transmissão da informação, Robert Darnton aponta alterações significativas na tecnologia da informação, a partir do momento em que aprendemos a falar. Afirma ele que:

Em algum momento, por volta de 4000 a. C., os humanos aprenderam a escrever. Os hieróglifos egípcios datam de aproximadamente 3200 a. C., e a escrita alfabética surgiu em mais ou menos 1000 a. C. Segundo pesquisadores como Jack Goody, a invenção da escrita foi o avanço tecnológico mais

importante da história da humanidade. Ela transformou a relação do ser humano com o passado e abriu caminho para o surgimento do livro como força histórica (DARNTON, 2010, p. 39).

O livro foi, durante muito tempo, o único “aparato material” que servia como veículo de transmissão do conhecimento a ser ensinado e aprendido nas instituições escolares. Com o surgimento de variedades de mídia (aqui entendida como conjunto de veículos da comunicação humana), o panorama da transmissão da informação modifica e a velocidade com que a informação é transmitida fica cada vez maior. A comunicação eletrônica, com o advento da internet, transformou-se numa atividade do cotidiano e, através dela, o conhecimento passou a estar on-line. Continua Darnton:

[...] a velocidade das mudanças é de tirar o fôlego: da escrita ao códice foram 4300 anos; do códice aos tipos móveis, 1150 anos; dos tipos móveis à internet, 524 anos; da internet aos buscadores, dezessete anos; dos buscadores ao algoritmo de relevância do Google, sete anos; e quem pode imaginar o que está por vir no futuro próximo? (DARNTON, 2010, p. 41).

O advento da leitura de textos eletrônicos com todas as suas especificidades estará configurando, talvez, uma “Quarta Onda”? Que novas operações cognitivas serão exigidas e que novos tipos de relações se estabelecerão no interior das práticas escolares? Que tipo de leitor essa prática de leitura forjará?

Darnton nos diz que “uma mídia não toma o lugar de outra, ao menos a curto prazo” (2010, p.14). A concorrência de mídias diversas tem persistido desde a prensa móvel de Gutemberg: jornais/livro impresso; televisão/rádio; internet/TV. As várias invenções tecnológicas com o conseqüente aparecimento de novas mídias, longe de anular ou provocar o desuso de invenções anteriores, unem-se a elas, complementando e reforçando as formas de aquisição de conhecimento.

Reforçando essa idéia, Roger Chartier afirma que:

[...] a longa história da leitura mostra fortemente que as mudanças na ordem das práticas costumam ser mais lentas que as revoluções das técnicas e que sempre estão defasadas em relação a estas. A invenção da imprensa não produziu imediatamente novas maneiras de ler (CHARTIER, 2009, p. 63).

A promoção do acesso à informação a todos, através dos meios eletrônicos e digitais, o conhecimento ao alcance dos dedos, é uma realidade que não pode ser mais desconsiderada

e é parte integrante da sociedade eletrônica resultante da “Terceira Onda”. Não haverá reversão nesse processo.

Proposta de Pesquisa

O fascínio de manusear um livro impresso, de sentir a textura dos materiais, o fluxo das páginas, permanecerá aguçando os sentidos e a observação de leitores, tal como pretendeu o método intuitivo, grande inovação pedagógica da segunda metade do século XIX? Em que medida os avanços tecnológicos podem influenciar e interferir nos hábitos e nas diversas práticas de leitura?

Assim, conhecer as práticas de leitura realizadas por alunos do ensino superior, nos proporcionará indícios de comportamento, dos valores e das experiências que surgiram a partir das leituras, tanto as do processo educacional formal quanto as do cotidiano de suas vidas. Chartier (2009) suscita uma discussão sobre o significado atribuído ao processo pelo qual os leitores dão sentido ao texto dos quais se apropriam. Teremos, portanto, que estudar os processos de "apropriação das leituras" para compreender as práticas de leitura desses alunos, com maior prioridade, o hábito, o tipo e a temática das leituras.

Para Chartier a apropriação consiste no que os leitores

[...] fazem com o que recebem, e que é uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento em que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos. Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos (apud BURITI, 2011, p. 73).

Investigar as práticas de leitura, a fim de identificar como a leitura está presente na vida de um jovem como prática cultural, leva-nos a compreender as representações sociais que essas práticas permitem aos alunos e a importância delas para a aquisição de *habitus* e valores.

Nesse sentido ressaltamos a importância da pesquisa que ora iniciamos, com o intuito de identificarmos as práticas de leitura desenvolvidas no ensino superior. Para tanto tentamos traçar um caminho metodológico que nos possibilite investigar os hábitos desenvolvidos pelos alunos leitores, tanto na academia quanto fora do ambiente institucional.

Considerações Finais

Esperamos que as práticas de leitura dos alunos do curso de graduação em Letras-Português, ofertado pela Universidade Federal de Sergipe, especialmente neste momento, os alunos concludentes, sejam identificadas através da análise dos instrumentos utilizados na pesquisa, quais sejam, questionários e entrevistas. Almejamos detectar em que medida as práticas de leitura desenvolvidas no decorrer do curso, incentivam e interferem nas práticas de leitura adquiridas no cotidiano anterior à vida acadêmica. Acreditamos que o caráter inicial da pesquisa possibilitará caminhos para novas indagações.

Referências Bibliográficas

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: alcances e limites de um conceito. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds.) **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores, 2010.

BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível**: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império. Campina Grande: EDUFPG, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação (2), 1990.

DARNTON, Robert. **A Questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, Janeiro/Junho. 2001, p. 9-43.

SIMÕES, Marco Antonio. **História da leitura**: do papiro ao papel digital. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BEN-COSTTA, Marcos Levy (org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. P. 163-189.

TOFFLER, Alvin e Heidi. **Criando uma Nova Civilização: a política da Terceira Onda**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

VALDEMARIN, Vera Teresa. História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez, 2010.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares: estudo sobre as práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares**. In: Currículo sem Fronteiras. V. 9, n. 1, PP. 25-41, Jan/Jun 2009.

¹ Pedagoga, especialista em Planejamento Educacional. Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Sergipe, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições educacionais, práticas escolares (NPGED-UFS). Endereço eletrônico: marlucelopes@ufs.br.

² Mestre em Educação (UFRRJ). Professora efetiva de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP-UFS) e membro do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Básica (NEPEEB-CODAP). Aluna da disciplina isolada "Cultura e práticas escolares do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFS. Endereço eletrônico: alessandrasje@hotmail.com.